

O NIETZSCHE DE DELEUZE: PARA UMA PERSPECTIVA DE INTERPRETAÇÃO DE SENTIDO

Salomão Santana¹

Resumo: Este artigo tem por tarefa apresentar a interpretação que o Filósofo Gilles Deleuze apresenta ao pensamento nietzschiano. Procuramos demonstrar que para Deleuze, a principal intenção do filósofo alemão é introduzir na filosofia os conceitos de sentido e valor. Dessa forma, essas noções criariam uma inversão crítica na estrutura filosofia desde então. Sendo os valores pontos de vista de apreciação, o filósofo francês demonstra que Nietzsche cria várias perspectivas de interpretação na experiência do pensar, donde deriva o seu próprio valor interpretativo.

Palavras-chave: Interpretação, Genealogia, Valor, Perspectiva.

Abstract: This article has the task to present the interpretation that the Philosopher Gilles Deleuze presents to Nietzschean thinking. We try to demonstrate that for Deleuze, the main intention of the German philosopher is to introduce in the philosophy the concepts of sense and value. In this way, these notions would create a critical reversal in the philosophy structure ever since. Being the values points of view of appreciation, the French philosopher demonstrates that Nietzsche creates several perspectives of interpretation in the experience of the thought, from which derives its own interpretative value.

Keywords: Interpretation, Genealogy, Value, Perspective

1 Introdução

As obras de Nietzsche deram margem a vários tipos de interpretações. Muitas dessas interpretações foram “objeto de apropriações políticas, literárias, artísticas e mesmo filosóficas” (MARTON, 2010, p. 17). Em vida, Nietzsche teve poucos leitores com os quais pudesse dialogar ou mesmo que pudessem servir de adversário diante de suas reflexões, como se exige de toda atividade

1 Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e vice diretor e Membro do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação – NUPEPE da Universidade Tiradentes – UNIT, membro Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS – GEFILUFS da Universidade Federal de Sergipe.

filosófica. Por não ter adversários, o filósofo afirma que seus escritos teriam nascido póstumos. Sem ter com quem dialogar, Nietzsche lança mão de uma diversidade de estilos, adotando estilo aforismático, metafórico, poético e excessivamente sedutor. Em virtude dessa pluralidade estilística, a filosofia de Nietzsche serve de abrigo para interpretações diversas e contestadas. Karl Lowith, com efeito, recomenda compreender o autor como ele mesmo se compreendeu:

Nietzsche é o tipo de pensador que sempre tentou ele próprio, fazer o balanço de seu pensamento. Em *Ecce Homo* visão retrospectiva de sua obra, constata, surpreso que escreveu coisas, mas ignorava sua própria unidade e era inconsciente de sua coerência, que só lhe aparecia no fim. A questão é saber se não se deve, ao menos no caso de Nietzsche, dar crédito a essa interpretação do pensador por ele mesmo, mais que à dos exegetas ulteriores que pretendem compreendê-lo melhor do que ele próprio se compreendeu (LOWITH, 1989, p. 159).

Nessa perspectiva, podemos constatar que a obra de Nietzsche sempre foi mais do que um objeto de interpretação. Muitas das interpretações da sua obra estiveram ligadas as estratégias discursivas que extravasavam amplamente o trabalho hermenêutico. Entre os interpretes franceses, a filosofia de Nietzsche diagnosticou junto a eles o estado e a situação do pensamento contemporâneo. Os franceses não só leram, comentaram ou interpretaram Nietzsche, mas pensaram com ele.

Foucault, por exemplo, na sua trajetória filosófica reconhece a influência de Nietzsche em suas obras. Contudo, Foucault nunca pretendeu fazer o comentário definitivo da obra nietzschiana, nem muito menos estabelecer aquilo que seria verdadeiro para Nietzsche em suas obras. Apesar do título da entrevista de 1966, realizada juntamente com Deleuze, mencionar a ideia de se devolver a verdadeira face a Nietzsche², o propósito ali não poderia ser mais distante da busca por uma interpretação definitiva. Por outro lado, tratava-se antes de preparar o caminho para que se pudesse “construir um terreno de jogo” (FOUCAULT, 1994a, p.551)

Dessa forma o Nietzsche de Foucault não é um autor, tampouco um sistema coerente que seria preciso reconstruir, mas, antes de tudo, uma ferramenta de que foi preciso se apropriar. No caso de Gilles Deleuze, essa postura interpretativa passa por um aberto processo de criação, que não implica um defeito na representação, mas um ato criativo que produz – a partir do comentário – um Nietzsche polissêmico, vários Nietzsche, que, sem pretender esgotar a sua obra, permite extrair uma série de singularidades, determinar uma série de diferenciais, a partir de todo o qual vai levantar o

2 Trata-se da entrevista intitulada “Michel Foucault et Gilles Deleuze veulent rendre à Nietzsche son vrai visage” (FOUCAULT, 1994a, p.549)

seu próprio pensamento. Trataremos inicialmente neste artigo de esclarecer o sentido desta apropriação criativa da interpretação de Nietzsche por Deleuze.

Nietzsche reclamava para si um tipo ideal de leitor, chegando mesmo a apontar o leitor ideal como aquele como “bons filólogos de outrora liam o seu Horácio” (EH, III,§5), um dos seus leitores “ideal” foi o Deleuze. O filósofo francês exige para o ofício de interprete filosófico, uma vocação para a criação (LACOSTE, 1997, p. 213-218)

A leitura criativa que faz da interpretação uma nova criação é de certo modo, uma leitura fiel ao próprio Nietzsche. Em suas *Considerações Extemporâneas* Nietzsche afirma que: “Escreve como se o passado fosse uma suprema ficção. [E pergunta-te:] Como o tornarias mais útil para o futuro?” (EXP, § 234)

Na sua interpretação do pensamento de Nietzsche, Deleuze escolhe para o futuro – e propõe como objeto privilegiado da sua leitura – a crítica da vontade de verdade, assim como a afirmação de uma certa vontade de ilusão ou potência do falso; objetos que não se limitará expor, mas que darão lugar a toda uma série de perspectivas programáticas sobre o que significa pensar.

Na obra em que Deleuze dedicou ao pensador alemão, *Nietzsche e a filosofia*, essa questão - da significação da verdade para o pensamento – revelasse sob a forma de uma dúvida a cerca do problema da verdade na história do pensamento ocidental. Deleuze cita Nietzsche:

A vontade do verdadeiro, que nos induzirá ainda a muitas aventuras perigosas, essa famosa veracidade da qual todos os filósofos sempre falaram com respeito, quantos problemas ela já nos colocou! O que em nós quer encontrar a verdade? (...) Por que não, antes, o não-verdadeiro? Ou a incerteza? Ou mesmo a ignorância? (NIETZSCHE, 1962, p. 108 – 109).

Segundo Deleuze o problema que gira em torno da vontade de verdade conduz Nietzsche a uma perspectiva e experiência do pensamento genealógico particular, que irá descobrir na sua origem uma oposição moral e uma contradição ascética, que nega a vida ou, melhor, a condena a assumir uma configuração niilista e pessimista. Nietzsche remete assim a verdade a um acontecimento histórico, fazendo da verdade algo que só tem valor com relação aos modos em que é gerada e pensada, desfazendo, portanto, a subordinação acostuada da vontade e da vida ao verdadeiro enquanto acontecimento próprio da natureza do homem.

Para Deleuze, a principal preocupação de Nietzsche é inaugurar na filosofia os conceitos de sentido e valor, conceitos básicos para uma interpretação e sua perspectiva. Para forjar uma filosofia moldada a golpes de martelo, a noção de valor implicaria uma inversão crítica.

Por um lado, os valores aparecem ou dão-se como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia os fenômenos. Mas, por outro lado e mais

profundamente, são os valores que supõe avaliações, pontos de vista de apreciação, donde deriva o seu próprio valor. O problema crítico é este: o valor dos valores, a avaliação donde procede o seu valor, portanto o problema da sua criação. (NIETZSCHE, 2001, pag. 6).

A filosofia crítica de Nietzsche, com efeito, alicerçada na reflexão sobre o valor dos valores, irá possuir dois eixos irrevogáveis: “referir todas as coisas, e todas as origens de qualquer valor, a valores; mas também referir estes valores a qualquer coisa que seja como a sua origem e que decida do seu valor”.(BM § 211). Deleuze constatar que, o principal projeto filosófico de Nietzsche consiste em ir contra aqueles que subtraem os valores à crítica, para Deleuze o filósofo alemão contenta-se em modificar os valores estabelecidos, lançando uma crítica aos fundamentos mesmo da filosofia, e sua arquitetura filosófica é contra aqueles que simplesmente criticam, ou respeitam os valores fazendo-os derivar de fatos objetivos: O próprio Nietzsche os classificou-os de utilitaristas.

Talvez seja indispensável, na formação de um verdadeiro filósofo, ter passado alguma vez pelos estágios em que permanecem, em que têm de permanecer os seus servidores, os trabalhadores filosóficos; talvez ele próprio tenha que ter sido crítico, cético, dogmático e historiador, e além disso poeta, colecionador, viajante, decifrador de enigmas, moralista, vidente, livre pensador e praticamente tudo, para cruzar todo o âmbito de valores e sentimentos de valor humanos e poder observá-los com muitos olhos e consciências, desde a altura até a distância, da profundidade à altura, de um canto qualquer à amplidão. Mas tudo isso são apenas pré-condições de sua tarefa: ela mesma requer algo mais – ela exige que ele crie valores. (BM § 211).

Desta forma Nietzsche ditou o seu próprio valor sobre a tarefa do filósofo e, para Deleuze, o filósofo alemão não faz apenas isso, ele também cria um conceito de extrema importância para a filosofia contemporânea; o conceito de genealogia

[...] o filósofo é um genealogista, não um juiz de tribunal à maneira de Kant, nem um mecanicista à maneira utilitarista. (...) Ao princípio da universalidade kantiana, como ao princípio de semelhança querido aos utilitaristas, Nietzsche substitui o sentimento de diferença ou de distância (elemento diferencial). (DELEUZE, 2001, pag. 7).

Assim, a interpretação de Deleuze de Nietzsche evidencia que o conceito de genealogia do pensador alemão significa simultaneamente valor de origem e origem dos valores, “genealogia significa o elemento diferencial dos valores donde emana o seu próprio valor” (DELEUZE, 2001, pag. 7). Nessa perspectiva, genealogia quer dizer origem ou nascimento, mas também diferença e distância na origem, possibilitando ao elemento diferencial fundamentar-se em uma luta de forças antagônicas.

A interpretação Deleuziana, nos guia na direção de compreender que a crítica de Nietzsche só pode ser entendida como uma ação, e não como uma reação, “o elemento diferencial não é

crítico do valor dos valores, sem ser também o elemento positivo de uma criação”. (DELEUZE, 2001, pag. 8) A interpretação criativa de Deleuze se concretiza na condição genealógica:

A crítica não é uma reação do ressentimento, mas a expressão ativa de um modo de existência ativo: o ataque, e não a vingança, a agressividade natural de uma maneira de ser, a maldade divina sem a qual não se poderia imaginar a perfeição. (DELEUZE, 2001, pag. 8).

Podemos afirmar, com efeito, que para Deleuze, a partir da genealogia, Nietzsche propõe uma nova estruturação das ciências, uma nova constituição da filosofia, uma determinação dos valores do futuro. É possível também extrair dessa interpretação Deleuziana, que a genealogia em Nietzsche é utilizada como instrumento metodológico para produzir um modo de filosofia, ao aliar a crítica e a investigação com a interpretação e perspectiva. Dessa forma Nietzsche uni, segundo Deleuze, a pesquisa filológica ao pensamento filosófico. Para o filósofo francês, Nietzsche, em sua filosofia, instaura os conceitos de sentido e valor, porém, construídos e inseridos como atitude crítico-criativa do filósofo.

Para o pensador francês, é em Nietzsche que a filosofia atinge o pico nunca alcançado pelos filósofos, há em Nietzsche uma filosofia da diferença, sua principal inspiração foi a criatividade e a interpretação de uma nova perspectiva do pensar, mas, ao mesmo tempo, Deleuze compreende que a sua leitura do filósofo alemão é “apenas a criação de mais uma máscara, a criação de um duplo sem semelhança” (DELEUZE, 2001, pag. 12) .

Como um dos herdeiros do modo de filosofar Nietzscheano, Deleuze faz uso da perspectiva crítica de Nietzsche como metodologia de criar uma nova filosofia. E como um filósofo criativo, Deleuze se desvincula dessa metodologia e modo de criar Nietzscheano, ao apresentar a sua interpretação do filósofo como apenas mais um elemento de produção de saber, que está associado às diversas formas metodológicas adquiridas por ele nas suas investigações e interpretações de outros filósofos, formando uma teia de possibilidades que sustenta a formação de suas perspectivas. Ainda assim, tanto Deleuze quanto Nietzsche, apresentam a crítica como constituição, como criadora do novo, atuando como geradora a partir do próprio aspecto reativo e afirmativo: destruidor, reformador e afirmador.

Em Nietzsche, a crítica violenta sobre as verdades e sobre a metafísica, nos permite refletir sobre a possibilidade de alcançar um conhecimento do mundo para além da aparência, buscando um argumento sobre o problema do desprendimento dos sentidos, sobre a linguagem empírica como instrumento de conhecimento.

Com efeito, a essência e a essencialidade fazem parte apenas de uma perspectiva e pressupõem uma pluralidade de sentidos. Em Nietzsche, essa perspectiva, esse modo de pensar, não resolve o problema: a pergunta o que é isto? significa sempre o que é isto para mim? Essa questão de Nietzsche nos levar para um outro problema: a interpretação, seja ela qual for, a perspectiva, seja ela qual for, no processo de construção da realidade, assim como, a inexistência de propriedades metafísicas dadas são satisfatórias para caracterizá-las como princípios de constituição de mundo? Para afastar a possibilidade de um problema ontológico, Nietzsche apresenta a sua tese do perspectivismo, na qual não há fatos, há apenas interpretações desses fatos

Contra o positivismo, que permanece junto ao fenômeno afirmando “só há fatos”, eu diria: não, justamente fatos não há, há apenas interpretações. Nós não podemos fixar nenhum fato “em si”: talvez seja mesmo um disparate querer algo assim. “Tudo é subjetivo”, vós afirmais: mas já isto é interpretação. O sujeito não é nada dado, mas algo anexado, colocado por detrás. – É por fim necessário colocar ainda o intérprete por detrás da interpretação? Já isto é poetização, hipótese. Conquanto a palavra “conhecimento” possui acima de tudo sentido, o mundo é cognoscível: mas ele é passível de receber outras explicitações, ele não possui nenhum sentido por detrás de si, mas infintos sentidos, “Perspectivismo”³

Neste sentido, é o sujeito quem interpreta, “tanto a ação quanto o agente são imaginados porque nascem de um processo primordial de abstração que os retira do solo de seu acontecimento originário” (CASANOVA, 2001, pag. 33) O que podemos concluir com essa afirmação? Ora, afirmando o sujeito como algo pensado, algo que também só assume existência pelo pensar, Nietzsche resolve um problema cartesiano afirmando que “se dissipou completamente a necessidade de se inserir o intérprete por detrás da interpretação enquanto o seu suporte ontológico próprio” (CASANOVA, 2001, pag. 34).

Nietzsche em várias passagens afirmará que o perspectivismo é uma doutrina que se encontra em uma ligação intrínseca com a ideia da infinidade de possibilidades de constituição de interpretação do mundo.

Não somos sapos pensantes, aparelhos de objetivação e registro com vísceras friamente dispostas. Precisamos constantemente gerar nossos pensamentos de nossa dor e dar-lhes maternalmente tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, desejo, paixão, sofrimento, consciência, destino, fatalidade. Viver significa para nós transformar incessantemente tudo o que somos e tudo o que nos diz respeito em luz e fogo: não podemos agir de outra maneira. (CASANOVA, 2001, pag. 54).

Encontramos em Deleuze, assim como em Nietzsche, que os sentimentos, as afecções, as sensações, a combinação dos prazeres e desprazeres como as diversas pulsões, estão associadas de

3 NIETZSCHE, Friedrich. KSA 12, 7[60]. Tradução de CASANOVA, Marco Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 10, p. 27-47, 2001, pág.31

forma que nenhum pensamento pode ser realizado para além dessa articulação de forças combinatórias. Essa é a origem de nossas interpretações, sejam filosóficas ou não. Essa é a única possibilidade de interpretação de mundo, assumindo, a partir deste entendimento, a capacidade crítica e existencial de gerar novos saberes, novas perspectivas. Os dois filósofos, perceberam no estudo dos diversos ramos dos saberes; filosóficos, psicológicos, que é na criação e no perspectivismo, a possibilidade da geração de saberes que ultrapassavam as diversas formas de criação, que, além de conectadas à questão crítico-interpretativa sobre o mundo, pretende gerar um saber a partir dos conceitos e das sensações que são seus alicerces.

O deslocamento da filosofia, da verdade para uma interpretação perspectivista, assume em Deleuze uma “nova imagem do pensamento” que o filósofo francês pretende cunhar com fogo e com as marteladas das obras de Nietzsche, não significa reduzir a uma mera interpretação, mas fazer criações interpretativas, experiências do pensar. A afirmação de uma filosofia da diferença ganha com Deleuze, como em poucos autores contemporâneos, uma definição própria e singular.

2 Referências

CASANOVA, Marco Antônio. “Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo”. In: **Cadernos Nietzsche**: São Paulo, v. 10, p. 27-47. 2001.

CASTRO, Edgardo. Los usos de Nietzsche. In: **El hilo de Ariadna**. 2003. Disponível em: www.elhilodeariadna.com.ar Acesso em: 23/11/2004 19:35.

JASPERS, Karl. **Nietzsche. Introducción a la comprensión de su filosofar**. Tradução espanhola de Emilio Estiú. Buenos Aires: Sudamericana, 1963.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Nietzsche e a Filosofia**. Portugal: Rés-Editora, 2001.

_____. **Sobre o Teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **A Visão Dionisíaca do Mundo e outros textos da juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.